

**AS ORGANIZAÇÕES CULTURAIS E  
O ESPAÇO PÚBLICO  
- A EXPERIÊNCIA DA REDE NACIONAL DE TEATROS E  
CINETEATROS -**

**Maria João Anastácio Centeno**

---

**Dissertação apresentada para cumprimento dos  
requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor  
em Ciências da Comunicação,  
realizada sob a orientação científica do  
Professor Doutor João Pissarra Esteves**

**JUNHO 2010**

## AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza, apesar de marcadamente individual, não teria sido possível sem o contributo e o afecto de colegas, amigos e familiares.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar em particular a orientação dada a este projecto pelo Professor Doutor João Pissarra Esteves; sem o acompanhamento atento e contínuo, o rigor científico, o espírito crítico e a disponibilidade mostrada desde o primeiro momento, este trabalho não teria sido possível. Agradeço reconhecidamente ter seguido, de forma atenta e rigorosa, todos os trabalhos conducentes a esta dissertação, sempre com comentários esclarecedores e conselhos pertinentes, bem como a elaboração dos vários relatórios que permitiram a renovação da minha bolsa de estudos.

A realização do estudo de caso, que me levou a doze Teatros espalhados pelas capitais de distrito de Portugal Continental, teria sido dificultada sem o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, concedido através de uma Bolsa de Investigação (BD/36697/2007); organismo ao qual gostaria de expressar a minha gratidão.

Desejava igualmente manifestar o meu reconhecimento a todos aqueles que, nessas organizações culturais, se disponibilizaram a colaborar quer através dos seus depoimentos, quer da entrega de materiais indispensáveis a este trabalho.

Do ponto de vista institucional, não posso deixar de referir o contributo da Escola Superior de Comunicação Social pelas condições que me proporcionou, em particular, na concessão de uma licença sabática de seis meses, que me permitiu iniciar a redacção da dissertação. A todos os meus colegas da ESCS e mais especificamente à Direcção do Departamento de Comunicação Organizacional, quero agradecer o apoio e a ajuda prestados. À Helena Ribeiro, à Fátima Caleiro Dias, à Teresa Flores, à Margarida Carvalho e à Maria José Mata, os múltiplos esforços na articulação do nosso serviço docente.

Ao Joaquim Oliveira, à Cristina Alves e à Célia Alturas, pelo voluntarioso auxílio na transcrição das entrevistas.

A todos os meus familiares e amigos por incondicionalmente me terem apoiado e estimulado a manter a motivação e a capacidade de trabalho. Todos eles sabem o quão fundamentais foram!

Por último, não poderia deixar de agradecer particularmente à minha filha Laura que, mesmo tendo de lidar com os aspectos menos positivos de um trabalho desta natureza, tão orgulhosamente repete que a mãe o começou quando ela tinha apenas cinco anos!

A todos, o meu enorme, obrigada!

## RESUMO

A presente investigação problematiza a natureza da relação que se estabelece entre as organizações culturais e os seus públicos e verifica se as especificidades das organizações que pertencem à Rede Nacional de Teatros e Cineteatros favorecem a interação no seio da esfera pública, atendendo a que o indivíduo só adquire consciência de si quando se coloca no lugar do outro simbolicamente generalizado, isto é, quando se situa num contexto estruturado pela comunicação.

Partindo de uma teoria da comunicação que pressupõe a existência de indivíduos capazes de fala e de acção e que coordenam, na e pela linguagem, as suas acções não de forma isolada, mas por expectativas de comportamento intersubjectivamente válidas, a prática das organizações culturais tem de ser organizada de forma participativa, o que quer dizer que a relação organização/públicos não pode ser de carácter instrumental, mas dialógica, baseada na intersubjectividade do mútuo entendimento estabelecido linguisticamente.

A pesquisa recua à constituição da esfera pública literária no século XVIII e ao papel que a família deteve na partilha pública de raciocínios críticos, para perspectivar a prática que se constitui como a referência ideal do uso público e crítico da razão, em que a partir de razões invocadas e da força do melhor argumento, o indivíduo é livre de fazer a sua escolha tendo em vista o entendimento.

O novo pensamento crítico, protagonizado entre outros por Jürgen Habermas, é profundamente céptico em relação à ideia de que o espaço público das sociedades pós-liberais se tenha esvaziado por completo das suas tradicionais funções críticas e emancipatórias. O contributo de Habermas vai no sentido de redescobrir as propriedades curativas do diálogo, na medida em que todas as formas de comunicação humana, mesmo sob a disseminação das massas, são essencialmente relações entre indivíduos que derivam da estrutura elementar que é o diálogo, da partilha de expectativas de comportamento intersubjectivamente válidas.

Mesmo em sociedades como a nossa, em que nem todos são livres de participar e em que nem tudo é passível de ser discutido, mantêm-se resíduos de Mundos de Vida onde os juízos críticos sobrevivem como possibilidade emancipadora e real de resistência e desenvolvimento.

Atendendo às organizações que compõem a Rede, averigua-se, nesta investigação, que tipo de acção pauta a relação entre essas organizações e os seus públicos; se a dinâmica que se desenvolve é marcada essencialmente por acções comunicacionais, ou seja, por acções coordenadas através do mecanismo do entendimento ou por acções estratégicas, apoiadas na influência de uma das partes sobre a outra e em que só os interesses dessa parte são tidos em conta.

A existência de um Serviço Educativo, o tipo de actividades propostas, a presença de um programador/director artístico com autonomia para desempenhar as suas funções são factores que determinam a promoção, por parte da organização, de acções e disputas argumentativas e se o espaço simbólico em que se articulam com os públicos contribui para reflectirem sobre as situações do Mundo da Vida e para a edificação da identidade social.

## ABSTRACT

This research questions the nature of relationships established between cultural organizations and their public, and verifies whether the specificities of the organizations, which belong to the National Network of Theatres, promote interaction within the public sphere, given that the individual only acquires self-consciousness when he places himself in the space of the other symbolically generalized, i.e., when acting within a structured context of communication.

From a communication theory that proposes the existence of individuals, who are capable of speech and action and who coordinate their actions, in and through language, not in an isolated manner, but rather by expectations of behavior intersubjectively valid, the practice of cultural organizations must be organized in a participatory manner, which means that the relationship between organization and public should not be instrumental, but dialogic and based on the intersubjectivity of mutual understandings established by language.

The research refers back to the establishment of the literary public sphere in the eighteenth century and the role that the family held in the public sharing of critical thought in order to have a wider perspective of the practice that has been developed as the ideal reference of the public and critical usage of reason. Thus, based on stated reasons and the power of the best argument, the individual is free to make his choice in order to achieve understanding.

The new critical thought, supported by Jürgen Habermas and others, is deeply skeptical towards the idea that the public sphere of post-liberalism societies has been completely emptied of its traditional critical and emancipating functions. The contribution of Habermas aims at rediscovering the healing properties of dialogue, in that all forms of human communication, even in the masses' output, are essentially relationships between individuals that derive from the basic structure of dialogue, from sharing expectations of intersubjectively valid behavior.

Even in societies like ours, where not all of us are free to participate and not everything may be discussed, there are Life Worlds where the critical judgments survive as a real and emancipating possibility of resistance and development.

Given the organizations that belong to the network, in this study we analyze what kind of action embraces the relationship between these organizations and their public; if the dynamic that develops is characterized mainly by communicational actions, namely, actions coordinated by the mechanism of understanding or by strategic actions, actions supported by the influence of one party over another and where only the interests of that party are taken into account.

The existence of an Educational Service, the type of the activities proposed, the presence of a programmer/director with autonomy to perform his role are all factors that determine the promotion of argumentative actions and disputes and question if the symbolic space in which organizations and publics are linked contributes or not to the understanding of situations that engage in the Life World whilst reflecting itself in social identity construction.

AS ORGANIZAÇÕES CULTURAIS E O ESPAÇO PÚBLICO  
- A EXPERIÊNCIA DA REDE NACIONAL DE TEATROS E CINETEATROS -

CULTURAL ORGANIZATIONS AND THE PUBLIC SPHERE  
- THE EXPERIENCE OF THE NATIONAL NETWORK OF THEATRES -

MARIA JOÃO ANASTÁCIO CENTENO

PALAVRAS-CHAVE: esfera pública cultural; intersubjetividade; comunicação  
(racional e estratégica); ação comunicacional; públicos; redes de cultura

KEYWORDS: cultural public sphere; intersubjectivity; communication (rational and  
strategic); communicational action; public; cultural networks

## ÍNDICE

Introdução .....	1
I Parte: Espaço Público e Acção Comunicacional	
Capítulo I. Para uma Teoria da Acção	
1. O interaccionismo simbólico de George Herbert Mead .....	17
2. A sociofenomenologia de Peter Berger e Thomas Luckmann .....	20
3. A Nova Teoria Crítica da sociedade proposta por Jürgen Habermas .....	22
3. 1. A emergência e consolidação do espaço público moderno .....	31
3. 2. A acção comunicacional e a proposta de uma pragmática formal.....	36
3. 3. A situação de fala ‘idealizada’ .....	44
Capítulo II. A Esfera Pública Cultural	
1. A esfera pública literária como precursora da esfera pública cultural .....	47
1. 2. O papel da família.....	52
2. A ‘mudança estrutural’ da esfera pública .....	55
3. A perspectiva da Teoria Crítica sobre a esfera pública cultural	
do século XX .....	57
4. A viragem teórica .....	64
Capítulo III. A Teoria dos Campos Sociais e o Campo Cultural	
1. A modernidade e os campos sociais .....	75
2. O modelo de racionalidade dos campos sociais .....	79
3. Os desenvolvimentos da sociologia da cultura e o lugar dos públicos .....	88
II Parte: Rede Nacional de Teatros e Cineteatros	
Capítulo IV. Génese e Consolidação da Esfera Pública Cultural	
1. A Europa e o advento da esfera pública cultural .....	99

2. O ‘estado da arte’ em Portugal.....	101
Capítulo V. A Cultura no Coração da Acção	
1. As políticas culturais públicas.....	121
2. A cultura e o desenvolvimento económico local.....	128
3. Os públicos da cultura .....	134
Capítulo VI. As Organizações Culturais	
1. O conceito de rede cultural .....	143
2. As organizações da Rede Nacional de Teatros e Cineteatros .....	151
3. A Rede equipamento a equipamento .....	156
3. 1. Teatro Aveirense .....	164
3. 2. Pax Julia, Teatro Municipal de Beja .....	178
3. 3. Theatro Circo em Braga .....	190
3. 4. Teatro Municipal de Bragança .....	202
3. 5. Cineteatro Avenida em Castelo Branco .....	211
3. 6. Teatro Municipal de Faro.....	216
3. 7. Teatro Municipal da Guarda .....	227
3. 8. Teatro José Lúcio da Silva em Leiria .....	239
3. 9. Centro de Artes do Espectáculo de Portalegre .....	251
3. 10. Teatro Sá da Bandeira em Santarém .....	260
3. 11. Teatro Municipal Sá de Miranda em Viana do Castelo .....	270
3. 12. Teatro Municipal de Vila Real .....	277
Capítulo VII. Triade: Organizações – Políticas Culturais – Públicos	
1. Objectivos das organizações .....	291
2. Tipo de evento .....	293
3. Tipo de repertório .....	295
4. Situação de produção dos eventos .....	301

5. Verbas e origem do financiamento .....	309
6. Relação com os públicos/espectadores .....	314
Conclusão.....	327
Referências Bibliográficas .....	339
Anexos .....	359